

O TREVO

Fraternidade dos Discípulos de Jesus
Difusão do Espiritismo Religioso

Aliança Espírita Evangélica
Janeiro/Fevereiro 2021 - nº 506

Reencarnação, aprendizado e evolução



Vamos respirar
- página 3

Jovem e racismo
- página 11

Autoestima positiva
- página 13

Sumário

03	Editorial	Vamos respirar
04	Conselho Editorial	É preciso começar
05	EAE/FDJ	Projeto EAE-FDJ: alinhado com os novos tempos
06	Mediunidade	Preconceito
07	Evangelização Infantil	Evangelização Infantil - Educação do espírito imortal Reflexões para uma infância sem racismo
08	Capa	A ótica das reencarnações: harmonizar-nos conosco mesmos
10	Capa	Precisamos falar sobre racismo na EAE?
11	Capa	Jovem e racismo
12	Capa	Racismo? Reforma íntima esclarece e aponta soluções
13	Evangelho	Autoestima positiva
14	Fala, leitor	Etnia e raça são conceitos relativos a âmbitos distintos
15	Página dos Aprendizes	
16	Notas	



Missão da Aliança

Efetivar o ideal de Vivência do Espiritismo Religioso por meio de programas de trabalho, estudo e fraternidade para o Bem da Humanidade.



alianca.org.br



trevo@alianca.org.br



facebook.com/aliancaespirita



instagram.com/aliancaespiritaevangelica



twitter.com/AEE_real



youtube.com/AEEcomunica

O TREVO

Janeiro/Fevereiro de 2021 - Ano L - **Aliança Espírita Evangélica** - Órgão de Divulgação da Fraternidade dos Discípulos de Jesus - Difusão do Espiritismo Religioso · **Diretor-geral da Aliança:** Eduardo Miyashiro · **Jornalista responsável:** Bárbara Paludeti (MTB: 47.187/SP) · **Projeto Gráfico – Edição:** Equipe Editorial Aliança · **Conselho editorial:** Alessandro Augusto Arruda Basso, César Augusto Milani Castro, Cida Vasconcelos, Cynthea C. S. S. Zanetti, Denis Orth, Eduardo Miyashiro, Elizabeth Bastos, Fernanda N. Saraiva, Janaina Silva, Rejane Petrokas, Renata Pires e Tatiane Braz Comitre Basso · **Colaboraram nesta edição:** Amanda Parera, Ana Paula Ribeiro de Oliveira, Camila M. Silva, Carmen Lúcia Gaspar, Gabriel Negreiros da Silva, Geraldo José da Costa e Silva, Miriam Gomes, Murilo Negreiros da Silva, Paulo Avelino, Ricardo Luiz da Costa e Silva e Simone Kobaiaçi · **Capa:** iStock · **Redação:** Rua Humaitá, 569 - Bela Vista - São Paulo/SP - CEP: 01321-010 - Telefone (11) 3105-5894 · **Informações para Curso Básico de Espiritismo e Projeto Paulo de Tarso:** 3105-5894 (WhatsApp) · CVV 188

Vamos respirar

Temos aqui um assunto “difícil”: preconceito racial. E que rendeu diversas reações fortes entre os leitores.

Mudanças evolutivas da sociedade humana não ocorrem sem choques.

Começamos pela ideia de escravidão. Sua simples menção nos provoca aversão. Casos identificados logo se tornam manchetes.

Entretanto, luminares do pensamento como Sócrates, Platão, Péricles, Cícero, nasceram e cresceram em momentos históricos em que um homem ser propriedade de outro era uma situação relativamente tão comum quanto é hoje o fato de alguém ter o nome no Serasa. E isso fazia (ou ainda faz) parte da estrutura social.

Na história, além de dívidas e guerras, outro motivo para se tornar escravo era a diferença corporal.

A discriminação racial é comportamento originado na aversão ao diferente, instinto que permitiu a autoproteção na época da sobrevivência competitiva entre animais e humanos primitivos. Hoje não tem mais razão de ser, pela convivência em uma sociedade organizada.

Tudo isso é fácil de entender. Complexo é quando as emoções insufladas por instintos desnecessários tornam destrutivas as relações pessoais.

Procuro em minhas lembranças por alguma referência própria, para não ficar na teoria. Foram várias as atitudes de bullying que vivi por ser “japa”, “quatro-olhos” e “gorducho”. Isso deixava uma mistura de raiva e mágoa no meu eu-criança, mas que não durava. Numa hora, o mundo estava

se acabando; logo depois, acontecia outra coisa interessante e o que foi ruim já tinha se apagado.

Claro que eu ficava intrigado por ter uma característica física diferente dos colegas. E por ver os colegas negros que, como eu, também eram minoria na escola. Às vezes, sentia alguma aversão em relação a eles, eco do comportamento de pais e avós, e talvez essa seja uma das raízes do meu incômodo.

Mas tudo foi passando. Nas minhas recordações da infância, uma comunicação mediúnica me explicou que sofríamos perseguição de Espíritos de antigos escravos negros porque eu e meu pai fomos proprietários insensíveis, que aumentamos sua carga de sofrimentos.

Nestas revelações, aprendi muito cedo a valorizar a reencarnação. A ideia de que podemos nascer em corpos com padrões que não são valorizados no meio social com certeza me ajudou na aceitação de situações de conflito.

Agora, talvez eu consiga escrever um pouco sobre racismo e racismo estrutural. O primeiro é o comportamento que tem bases primitivas da vida animal. Tanto quanto o egoísmo, a vaidade e a tendência à competição. É mais um desafio no campo da reforma íntima, portanto é um obstáculo interno, tão difícil de lidar como os outros defeitos. Que não se combatem com autorrepressão, mas, sim, com autoconhecimento.

Já o racismo estrutural provém da somatória dos milhares de fatores socioculturais que influem em nossa vida desde o nascimento. Por isso compõem a nossa

personalidade de maneira que não conseguimos perceber, pelo menos não sem ajuda. (À exceção dos raríssimos casos de Espíritos superiores que renascem entre nós para cumprir missões.)

Diante das notícias recentes de violência racial, a minha parte emocional irrompe uma indignação forte e a minha parte intelectual aponta a necessidade de evolução social. Entretanto, bem no fundo do meu ser, há uma voz quase imperceptível. Preciso parar e silenciar os demais pensamentos, para que eu possa ouvi-la.

Ela me diz que o agredido, o agressor e eu fomos criados à semelhança da Força Criadora. Que o propósito de cada um de nós é se transmutar para ir ao encontro dessa Força. Então, tento aplicar a lição crística de não atirar a primeira pedra: nem como agressor, nem como agredido, nem como espectador.

Não é fácil! As pedras do intelecto se transformam em palavras, faladas ou escritas. As pedras do coração se transformam em olhares e gestos. Ficam a um milímetro de serem atiradas.

Mas a sábia Natureza me deu a respiração, que é um processo muito mais antigo do que o meu intelecto ou meu coração. Respiro. Deixo as pedras caírem.

Só então, percebo que a minha respiração é igual à do índio, do negro, do morador da rua, do assistido do centro espírita. Somos semelhantes no ato de respirar.

Se lembrarmos de respirar, com a devida intenção, não haverá mais lugar para preconceitos dentro de nós.

O Diretor-geral da Aliança

É preciso começar

O espírito reencarna para aprendermos alguma coisa (e assim evoluir). Estamos abertos para nos questionarmos e aprendermos sobre o que não conhecemos, não entendemos e, por isso, ignoramos?

Com otimismo recebemos retorno da edição de novembro/dezembro de 2020, especialmente sobre o texto do Conselho. Note-se, do Conselho Editorial de O Trevo. Algumas colocações nos fizeram refletir profundamente e encaramos as mensagens como um indicador de que O Trevo é lido por pessoas críticas que têm vontade de dialogar e contribuir com o trabalho.

O texto tinha dois propósitos: trazer um breve apanhado histórico e, diante deste apanhado, refletir sobre nosso alcance. Assim, cabem alguns esclarecimentos:

No que diz respeito à vida terrena, a meritocracia é uma mentira até que todos partam inicialmente do mesmo lugar e tenham acesso às mesmas possibilidades. Isso é diferente de falar que não há mérito pessoal. Sempre há mérito do espírito em suas escolhas de vida, sejam elas boas ou más. A questão é: escolhemos aprender algo com isso ou não?

Sinalizar que existe um problema estrutural não quer dizer que agimos de forma racista conscientemente, ao contrário. O termo **racismo estrutural** explica que o modo como agimos e como pensamos é oriundo de uma herança cultural/estrutural e que é preciso força e intencionalidade para romper com essa herança. Talvez valha a pena investigar um pouco mais o termo “racismo estrutural” e esse era nosso objetivo. Cabe complementar que muito do que fazemos também é fruto do que não ouvimos, não vemos e, assim, não sabemos.

Um texto do Nepo (Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”) https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/textos_nepo/textos_nepo_80.pdf publicado pela Unicamp elabora o seguinte raciocínio em cima da colocação do IBGE (sobre a escolaridade da

população espírita):

“Sendo o Espiritismo uma doutrina baseada em raciocínio científico e argumentação lógica, é possível que a ampliação dos níveis de escolaridade em todos os grupos etários observados seja um dos fatores que tenha contribuído para um aumento dos espíritas”, e ainda, “No que tange ao perfil sociocultural, usualmente as análises dos pesquisadores e especialistas referem-se aos praticantes do Espiritismo ocupando as classes de renda mais elevadas e de maior escolaridade. Jacob (2003, p. 101) afirma que “o nível de educação [dos espíritas] é nitidamente superior ao da média nacional” e que estariam entre “as camadas mais altas da sociedade”.

Isso faz com que diferentes artigos mencionem que o Espiritismo é uma religião elitista. Longe de ser intencional, os dados mostram que cabe uma reflexão: apesar de nossa postura amorosa à toda e qualquer pessoa que entra em nossa casa (ou como disseram alguns textos, apesar “de a cor não importar”), conseguimos abrir espaço para que classes de menor renda e menor escolaridade (e, em geral, negros, como aponta o IBGE: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29433-trabalho-renda-e-moradia-desigualdades-entre-brancos-e-pretos-ou-pardos-persistem-no-pais>) conheçam o espiritismo e participem?

Companheiros em casas de periferia costumam colocar suas dificuldades:

- de expandir e/ou até manter o trabalho por conta do público materialmente carente que atendem e que acabam demandando um trabalho que é, às vezes, rotulado de “assistencialista”;

- da escassez de trabalhadores por conta de turno de trabalho gerando dificuldades de terminarem os cursos e de priorizarem o trabalho diante das necessidades materiais;

- de mulheres que engravidam e não tem rede de apoio e abandonam o estudo ou o trabalho.

Diante dessa constatação: como ajudamos essas casas e essas pessoas enquanto movimento? Abrimos, ao menos, espaço para falarmos dessas dificuldades? Se sim, quando? Onde? Gostaríamos de ter mais vezes que mostrem essas dificuldades e compartilhem soluções oportunas para que o trabalho nesses bairros se mantenha?

Quando mencionamos que *precisamos falar sobre esses assuntos*, queremos dizer que precisamos falar sobre esses assuntos. Toda e qualquer outra inferência sobre essa colocação é leitura individual e projetiva. O espírito reencarna para aprendermos alguma coisa (e assim evoluir). Estamos abertos para nos questionarmos e aprendermos sobre o que não conhecemos, não entendemos e, por isso, ignoramos?

Finalizamos nosso texto com um trecho do livro “Racismo Estrutural”, do professor Silvio Almeida, que resume porque entendemos que cabe, sim, ao Espiritismo explorar o tema racismo e suas consequências: “Em um mundo em que a raça define entre a vida e a morte, não a tomar como elemento de análise das grandes questões contemporâneas demonstra falta de compromisso com a ciência e com a resolução das grandes mazelas do mundo”.

Pode ser incômodo inicialmente, mas é preciso começar de algum lugar. Vamos juntos?

Projeto EAE-FDJ: alinhado com os novos tempos

Revisar significa atualizar, corrigir, aprimorar e melhorar o conteúdo de um programa rico, transformador e acolhedor para adequar a linguagem e abordagem aos problemas novos

“o espiritismo é doutrina evolucionista; assume aspectos diferentes e apresenta diariamente problemas novos, que devem ser encarados com objetividade, em benefício da contínua e promissora marcha ascensional.

Nos primeiros tempos da codificação o problema maior era torná-lo compreendido e aceito pelos homens, vencendo a terrível barreira representada pelos preconceitos e interesses sociais e religiosos da época.” (livro O Livre-Arbitrio, Edgard Armond, item Espiritismo, Doutrina de Libertação)

O Projeto EAE-FDJ tem como objetivo primordial o aprimoramento da evangelização do ser e está alicerçado em 4 pilares de trabalho: revisão dos programas de Curso Básico e Escola de Aprendizes do Evangelho, revisão das referências bibliográficas, aprimoramento de dirigentes e expositores e plataforma FDJ.

Nossas bases serão sempre o Evangelho, iniciático e transformador em sua essência, as obras de Kardec, psicografias de Chico Xavier e as obras de Edgard Armond.

A palavra revisão já traduz o principal objetivo de nosso trabalho. O trabalho de corrigir e corroborar é contínuo e eminentemente sintonizado com a espiritualidade superior e com o movimento de Aliança. Assim, o Projeto passa por orientações dos mentores a cada encontro, e todas as etapas passam por verificações espirituais em diferentes regionais e o conteúdo produzido é socializado e analisado nas reuniões do Conselho de Grupos Integrados.

Revisar significa atualizar, corrigir, aprimorar e melhorar o conteúdo de um programa rico, transformador e acolhedor para adequar a linguagem e abordagem aos “problemas novos, que devem ser encarados com objetividade, em benefício da contínua e promissora marcha ascensional”.

Sabemos que muitos dos problemas nem são novos, mas, dentro da máxima do Cristo que nos falava de “olhos de ver e ouvidos de ouvir”, hoje somos capazes de discutir com mais clareza, amadurecimento e empatia as situações do mundo que demandam mudança.

Serão revisados

referências, linguagens, abordagens, textos e formação de dirigentes e expositores visando sempre a escalada ascensional de nossa humanidade, adequando tudo o que pareça trazer cunho preconceituoso ou inadequado aos novos tempos e necessidades de nossos alunos e voluntários do trabalho.

Se nossa EAE é iniciática e modeladora de novos valores, nós balizamos o trabalho para que o nosso material, dinâmicas e sistemas de formação de voluntários atendam a estas premissas.

Já estamos com a nova proposta de Curso Básico pronta, na qual revisamos muitos aspectos, incluindo a adequação de aulas a uma nova visão de mundo. Em 2021 iniciaremos a prova do novo material com turmas-piloto que nos ajudarão a ajustar ainda mais o que foi criado e definir melhor os novos caminhos do trabalho com o material de EAE.

A todos que quiserem colaborar conosco ou saber de mais detalhes, convidamos a nos contatar através do e-mail: **projetoaeafdj@gmail.com**.

Equipe do Projeto EAE-FDJ



Preconceito

Em múltiplas encarnações, viveremos revezamentos nas experiências que fatalmente nos igualarão: ricos ou desvalidos, negros ou brancos, ignorantes ou doutores

A Escala de Allport procura medir o preconceito numa sociedade. Foi descrita por Gordon Allport no livro *The Nature of Prejudice*, ainda um clássico da psicologia. Tem cinco níveis crescentes: antilocução, esquiva, discriminação, ataque físico e extermínio.

O preconceito pode ter início num ponto aparentemente inocente da escala: um grupo fazendo piadas sobre outro, utilizando-se de estereótipos repetidos frequentemente.

Exemplo de antilocução é o do uso do termo “jurássico” para referir-se tanto aos pioneiros de uma organização quanto às construções por eles erigidas, procurando deliberadamente associá-los à concepção de algo que é obsoleto, atrasado, já inútil.

A conduta não é inofensiva. A conta-gotas vai minando, no pensamento coletivo, o arcabouço de valores nobres, em infiltração que anula a contraposição leal, honesta e franca de ideias.

A prática é comum nos relacionamentos com as instituições e nas relações interpessoais.

Entre os hebreus, racca era termo desdenhoso que significava homem que não vale nada, e se pronunciava cuspidando e virando a cabeça para o lado. (ESE-IX-4)

A palavra ofensiva é contrária à Lei do Amor. Mas também são descaridosos os gestos, os atos e, principalmente, as intenções íntimas que denotam desrespeito e desprezo pelo próximo.

O Espiritismo ensina que o verdadeiro Homem de Bem é humano e bom para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, pois em todos os homens vê irmãos seus. (ESE-XVII-3)

“Perante Deus, são iguais todos os homens? - Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez Suas leis para todos. Dizeis frequentemente: O Sol brilha para todos e enunciais assim uma verdade maior e mais geral do que pensais.” (LE - 803)

Kardec aí comenta: Todos os homens estão submetidos às mesmas leis da Natureza. Todos nascem igualmente fracos, acham-se sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Deus **a nenhum homem concedeu superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte:** todos, aos Seus olhos, são iguais.

Assim, além de não distinguir entre raças e



crenças, a doutrina não aceita a discriminação em razão de classe social, nacionalidade, idade, biotipo, instrução, etc.

Em múltiplas encarnações, viveremos revezamentos nas experiências que fatalmente nos igualarão: ricos ou desvalidos, negros ou brancos, ignorantes ou doutores.

Sentiremos a mesma dor que o outro sente. E finalmente decidiremos por um mundo em que o sofrimento não será nossa opção: nem para o próximo e nem para nós. Haveremos de dar ao outro tudo o que desejamos que nos seja dado.

Na benção da Mediunidade podemos, no contato com diferentes categorias de espíritos, por seus felizes ou pungentes relatos, e pelas sensações que deles reverberam em nosso campo físico e emocional, aprender hoje a modificar nossas escolhas.

**Equipe de Apoio à
Mediunidade**

Educação do espírito imortal

A Evangelização Infantil é um trabalho que se preocupa com a evolução do ser desde o início da vida terrena, proporciona um melhor aproveitamento das oportunidades oferecidas durante as provas de sua existência na Terra e é voltado para a incansável educação do espírito imortal.

A criança traz consigo imperfeições de outras vidas que não conseguiu se libertar nas existências anteriores. E o egoísmo, causa principal do preconceito, pode ser uma destas inferioridades a combater.

É na infância que as tendências e aptidões se apresentam adormecidas e este é o melhor momento para que o principal objetivo da Evangelização Infantil, que é apresentar recursos certos, justos e verdadeiros ao espírito, seja vivenciado.

O crescimento orgânico, o desenvolvimento da maturação neurofisiológica

e a capacidade de raciocínio vão se desenvolvendo ao longo da existência terrena. Gradualmente, as ideias vão retornando à medida que a criança vai crescendo e se desenvolvendo física, emocional, social e espiritualmente. Cada criança tem seu modo particular de encarar experiências e vivências. Assim, nada melhor que aproveitar este momento da infância para ter como modelo o Mestre Jesus e seus ensinamentos.

Apresentar ao espírito logo no início da vida uma nova forma de enxergar o mundo, ensinar a valorizar o comportamento respeitoso e sem preconceito em relação à diversidade, ensinar a olhar o essencial, que é o que a pessoa é e não suas características físicas e sociais, todos esses ensinamentos auxiliam a criança na percepção de suas aptidões para o bem podendo assim reforçar suas atitudes produtivas na caridade

e no amor ao próximo e conseqüentemente alterar possíveis más tendências.

O racismo na infância pode causar danos psíquicos graves que repercutem na vida adulta das vítimas, portanto deve ser prevenido e combatido sempre. Ideias preconceituosas, práticas racistas e atitudes de discriminação apresentam uma ideologia baseada na superioridade de um grupo sobre o outro. Contudo, são ideias e comportamentos do homem que devem ser combatidos para evolução da humanidade.

Já dizia Jesus aos seus discípulos: “Todos vocês são irmãos” (Mateus 23:8). Aprender com Jesus na Evangelização infantil a aceitar as diferenças faz com que a criança compreenda de forma simples e natural que somos irmãos em evolução.

*Simone Kobaiaci é do
CEAE Manchester/Irmã Nice/
Regional São Paulo Leste*

Reflexões para uma infância sem racismo

Na prática, algumas questões podem ser refletidas na Evangelização Infantil para caminhar para uma infância sem racismo:

1. Ao preparar as aulas, as evangelizadoras e evangelizadores podem pensar nas histórias, vivências e experiências nas quais os bebês e crianças construam a percepção positiva das diferenças étnico-raciais, trazendo personagens de diferentes etnias para que todos possam se reconhecer e se sentirem pertencentes.

2. Proporcionar conversas com os pais que valorizem as diferenças entre negros,

brancos, indígenas e imigrantes.

3. Proporcionar lápis de cor e giz de cera que contemplem todas as cores de pele para as crianças poderem pintar percebendo que os materiais respeitam as diferenças existentes entre as pessoas.

4. Evangelizadores precisam estar sempre atentos para reconhecer, acolher e interferir positivamente em situações que possam surgir em relação ao preconceito ou racismo porque as crianças aprendem pelo diálogo e o auxílio do evangelizador também é imprescindível no desenvolvimento desta

criança.

5. Com amor, os evangelizadores devem ressaltar positivamente as características físicas dos bebês e crianças auxiliando na construção positiva da autoimagem e acolher os sentimentos dos pequenos.

Quem achar essa reflexão pertinente faça, proponha, converse e cresça porque estamos em constante evolução e temos em nossas mãos pequenos espíritos esperando para conhecer Jesus através de nós.

*Amanda Parera é do
CEAE Manchester/Irmã Nice/
Regional São Paulo Leste*

A ótica das reencarnações: harmonizar-nos conosco mesmos



Nasci em uma família católica, filha única de Sérgio e Efigênia. Meus pais se separaram quando eu tinha cinco anos e minha mãe teve que trabalhar fora. Ela arrumou um trabalho como empregada, que na época dormia no emprego e folgava só aos domingos. Sendo assim, ela pagava alguém para cuidar de mim e, em geral, essa pessoa tinha família e filhos. Era legal porque tinha crianças para brincar, mas por outro lado, tudo que acontecia de ruim “era a Carmen que tinha feito”.

Foi nessa época que passei a “ver pessoas” e as crianças me viam conversando e falavam que eu estava sozinha. Brigava dizendo que eles estavam fingindo que não viam meus amigos. Tinha certeza que não morava aqui, olhava para o céu e dizia que minha casa era na lua e diversas vezes disse à minha mãe: “Você sabia que não é minha mãe?” Ela não acreditava nessas coisas e achava que era

birra minha por estar longe dela.

Aconteciam coisas comigo que as famílias ficavam assustadas e não queriam continuar a cuidar de mim, e lá ia eu para outro lugar. Assim foi até quando minha mãe conseguiu um colégio interno de freiras em Barretos (SP). Gostava de

lá, das freiras, só não me sentia confortável na Igreja. Fiz catecismo e questionava os ensinamentos, até que fui proibida de fazer qualquer pergunta. Nessa época, às vezes chorava e sentia uma dor intensa. As irmãs perguntavam: “Fale aonde dói para poder te medicar”, mas eu sentia, sabia que não era dor de remédio.

Com 12, 13 anos minha mãe foi me buscar no colégio, pois tinha constituído família e tido outra filha, mas eu não me sentia pertencendo àquela família. Então com 14 anos fui morar com meu pai que também estava casado, mas não tinha outros filhos. Fiquei com meu pai até os 17 anos e quando consegui meu primeiro emprego, fui morar com minha prima.

Sofria muito assédio no ambiente de trabalho, então vivia saindo de empregos ou era despedida porque não admitia que me tocassem fisicamente ou me agredissem verbalmente.

“Reagimos com os outros com as mazelas que temos dentro de nós”

Perdi duas grandes oportunidades: a primeira porque a pessoa que fez a entrevista me disse que a cota de negros na empresa tinha esgotado e eu dei um banho de água com o jarro de flores que estava em cima da mesa. Na segunda, o chefe da seção queria experimentar “se as negras eram tão boas de cama como diziam” e dei com o grampeador no nariz dele.

Meu primeiro namorado terminou comigo porque os pais dele disseram que nós éramos de mundos muito diferentes e meninas negras “não eram confiáveis”. Já cheguei a ouvir que se não fosse a minha cor eu seria perfeita! Quantas vezes percebi minha capacidade contestada pela cor da minha pele.

Com o passar do tempo, tive meus filhos, amava-os e cuidei sempre deles com muito zelo. Ensinei-os a orar e dizia que o Pai Eterno nos amava do jeito que somos e que ninguém era mais do que eles. Mas até com eles aquela sensação de não pertencimento continuava.

Fui com uma conhecida a um centro de Umbanda, fiquei dois meses, mas não tive respostas para as minhas indagações. Foi lendo o

livro “Laços Eternos”, de Zíbia Gaspareto, em um determinado capítulo, que comecei a chorar, como a tirar uma venda dos meus olhos, eu gritava: “É isso que eu acredito, vivi em outras vidas!”

Uma semana depois, a mesma pessoa que me deu o livro falou do Centro Espírita Discípulos de Jesus. Em um domingo, às 17h45, passando pela rua Maria José e vendo a porta aberta, entrei e sentei no banco, em dois minutos a porta da recepção abriu e eu falei que mandaram eu vir tomar um passe. A pessoa (que não me lembro o rosto, só lembro que era uma mulher) respondeu: “Você viu aquela porta fechada em frente à porta de entrada? Domingo que vem você chega no máximo às 17h20 e é lá que você tem que ir”.

E assim ingressei na 25ª Turma da Escola de Aprendizes do Evangelho, foi ali que encontrei respostas para todas as minhas perguntas e sustentação para passar uma fase muito difícil com meu filho mais velho. Companheiros maravilhosos de caminhada me auxiliaram muito.

Terminei a EAE e comecei a trabalhar no domingo mesmo, como voluntária. Já tinha alguns anos quando estava me arrumando para ir para a assistência espiritual, fui amarrar meus tênis e minha coluna travou. Na minha mente vinha que tinha que ir ao centro mesmo assim e, com muito sacrifício, eu fui.

Assim que me

colocaram na roda para verificação, um irmãozinho se apresentou dizendo: “Tá doendo? Você lembra quando mandava nos colocar no tronco e quebrar nossa coluna quando a gente tentava fugir? Você pensou que se escondendo atrás dessa cor a gente não ia te achar?”

Enquanto isso um filme passava na minha cabeça: me via como um português, acho que no começo da colonização do Brasil, na porta de um lugar escuro (acredito que uma senzala) e dizia: “Pega aquela, dá um banho e leva pra mim”.

O irmão aceitou ser encaminhado e quando levantei da cadeira, a dor tinha sumido. Depois disso, tudo se encaixou, compreendi minha infância, a minha falta de adaptação com meus pais, vivendo a mediunidade desde jovem, sempre sentindo as pessoas, o porquê de criar os meus filhos sozinha, as dores da minha própria Alma.

Reencarnei para aprender a sentir.

Meu primeiro filho tem a pele bem clara. Quando pequeno, estávamos brincando no parquinho e uma mulher perguntou se eu era babá dele. Respondi “sou mãe dele” e ela falou “nossa, ele é tão branquinho”. O meu filho não é branquinho, ela é quem tinha o mesmo tom de pele dele. Ali entendi que os próprios negros negam sua raça. Conheço pessoas que falam: “Não sou racista, tenho vários amigos negros”, porém se um dia seu filho ou filha, sobrinhos

ou netos namorarem uma pessoa negra, creio que sentimentos nada edificantes poderiam aflorar.

Minha confiança em Deus é absoluta, tenho fé nas Leis Divinas, tudo está certo, ninguém é vítima de ninguém. Somos herdeiros de nós mesmos. Não tem como querer a paz enquanto não assumir e reeducar o nosso interior, porque reagimos com os outros com as mazelas que temos dentro de nós.

Por isso meu propósito de vida é fazer as pazes comigo mesma, me aceitando como estou (estou Carmen), mas o que realmente sou é partícula do todo, centelha divina, e com trabalho de formiguinha vou varrer as sujeiras para fora do tapete, colocar luz nas minhas sombras, me abraçando com autoperdão, paciência, doçura, resiliência e muita leveza, afinal, “o amor cobre a multidão de pecados”.

É um trabalho minucioso do dia a dia, do aqui e agora, quando olho e julgo, quando vem pensamentos negativos, quando vem a culpa ou a ansiedade pelo futuro, pego o ego pela mão, como se faz com uma criança, encosto ele num canto e digo: “Fica quietinho aqui e deixa Deus agir”.

Meu objetivo é ser uma pessoa melhor a cada dia, essa é a minha contribuição para o mundo.

Carmen Lúcia Gaspar é do CE Discípulos de Jesus Bela Vista/Regional São Paulo Centro

Precisamos falar sobre racismo na EAE?

Frequentar um ambiente cristão pode nos dar a falsa sensação de que já aprendemos a amar a todos indistintamente e incondicionalmente

Estamos vivendo em tempos preconizados por textos espirituais e pela sabedoria dos antigos. Final dos tempos? Quais tempos? Final dos tempos dos comportamentos que carregamos conosco de encarnação em encarnação, mas que têm prazo determinado para acabar, pois precisamos seguir em nosso processo de evolução planetária e isso só se dará pela prática efetiva da Reforma Íntima, que nos conduzirá ao caminho da regeneração.

No livro “Renovando Atitudes”, o espírito Hammed, quando esclarece sobre o tema preconceito, nos coloca que “por nosso quadro de valores ter sido adquirido de forma não vivencial é que nosso mundo íntimo está repleto de preconceitos e nosso nível ético encontra-se distante da realidade”.

Pensamos o que pensamos, julgamos como julgamos, pois crescemos fundamentando nossa opinião pela opinião dos outros. Daí a importância da família enxergar a criança e o adolescente como um espírito em eterna evolução e que a educação do espírito deve ter uma atenção maior, pois a educação que se pauta na eternidade do espírito auxilia na evolução de um espírito recalcitrante em questões não resolvidas em encarnações anteriores.

“Caminhar no processo de autoconhecimento significa desenvolver gradativamente o respeito aos nossos semelhantes,

impedindo que façamos projeções triviais e levianas de nossas deficiências nos outros”, nos esclarece Hammed, no livro “Os Prazeres da Alma”, no capítulo Autoconhecimento.

Segundo ele, cada um de nós carrega consigo sua “área sombria”, que “é uma região inexplorada e indomada que atua de forma imperceptível em nossas ações e atitudes”. Assim, cabe ao dirigente de EAE reforçar a importância do autoconhecimento, que ainda segundo o autor, “requer constante autorreflexão”. Do dirigente e do aluno, acrescento eu.

Talvez agora consigamos responder à pergunta inicial: precisamos falar sobre racismo na EAE? Sim, precisamos. Cabe ao dirigente trazer certos temas à luz, provocar a autorreflexão com olhos no que acontece ao nosso redor diariamente. Silenciar esses temas apenas retarda o processo de reforma íntima, pois temos pré-julgamentos tão bem escondidos que acreditamos serem eles processos normais de (sobre)vivência.

E das ferramentas apresentadas aos alunos, bem sabemos que o caderno de temas e a caderneta pessoal foram implantados justamente para auxiliar neste processo de autorreflexão constante. Penso, sinto e atuo de forma preconceituosa, racista ou discriminatória? São perguntas que precisam ser inseridas em nossa prática diária do exercício de

Reforma Íntima.

Muitos devem achar que espíritas estão acima destes questionamentos, pois o contato com o Evangelho de Jesus nos é proposto diariamente pela prática de leituras edificantes, do Evangelho no Lar, do estudo das obras básicas. Fiquemos atentos ao exemplo dos fariseus, a quem Jesus sempre chamava atenção aos discípulos pela prática externa do judaísmo.

Frequentar um ambiente cristão pode nos dar a falsa sensação de que já aprendemos a amar a todos indistintamente e incondicionalmente. O grande desafio do espírita-cristão é olhar o mundo que nos cerca com os olhos do Cristo. Enquanto exercitamos o Evangelho dentro de nossa casa espírita, estamos em uma zona de conforto muito boa, num ambiente de ameaça zero à prática do amor incondicional. Como almas recalcitrantes, sabemos que o segundo grande desafio é reproduzirmos o ambiente de amor incondicional da casa espírita em nosso próprio lar onde nos encontramos com almas afins (afins de nos provarem, é certo).

E o maior desafio de todos é amarmos o mundo que nos rodeia em relação ao nosso mundo interno, lidando com nossas sombras e nossas virtudes. Por isso que nosso Mestre maior nesta prática é Jesus.

Ana Paula Ribeiro de Oliveira é Centro Espírita A Caminho da Luz/Regional Litoral Sul

Jovem e racismo

Infelizmente (ou felizmente), o racismo ainda é pauta de debates e discussões em todos os lugares. Tema esse que, a essa altura do campeonato, já deveria ser esclarecido e superado. Citamos, para dar início à reflexão, o trecho de um poema de Murilo Nogueira.

“Sem respaldo
Sem massagem
Apenas luto, luta e sorte.
Mertiolate arde, faz
alarde e sara.
Cota remedia
Mas não evita o corte
(...)
‘Somos iguais’, eles
disseram.
No branco do olho?
Nos calos na mão?
Até no livro negro
O preto é punição

Pelourinho, Quilombos
Lugar de atração?”
(Trecho extraído do
poema Pindorama
Bem Vindos, por Murilo
Nogueira)

Com a globalização da informação, o público jovem é considerado o mais antenado às questões sociais discutidas na atualidade. Isso porque temos acesso na palma da mão sobre o que acontece ao redor do mundo. Sendo assim, conhecer nossa história e nossas raízes é muito mais fácil.

O que nossos

antepassados negros sofreram é inquestionável, e a sombra desse sofrimento se alastra até os dias atuais. Reconhecer esse fato é entender que nossa sociedade é composta por uma grande massa de mentes racistas e assumir nosso papel nisso.

Não ser racista é nosso dever moral e legal, mas como cristãos não é o suficiente. Precisamos assumir uma postura antirracista e combater o racismo estrutural que está presente no nosso cotidiano e consequentemente, na casa espírita.

O racismo estrutural, muitas vezes inocente e inconsciente, é fruto de uma cultura preconceituosa. É chamado estrutural, pois está enraizado em nossas relações socioculturais.

O movimento jovem dentro do Espiritismo vem trazendo cada vez mais esse assunto para discussões, uma vez que o jovem está mais envolvido com as lutas e com as informações obtidas. No programa de Mocidade, que vem sendo revisado, não temos uma aula que aborde com profundidade esse assunto. Porém aproveitamos nossos Encontros e Reuniões para discuti-lo já que acreditamos que quanto

mais cedo for abordado, mais efeito fará na mente de outros jovens.

O combate a qualquer estrutura preconceituosa deve iniciar-se na identificação e aceitação do pensamento racista. Se assumir racista, mesmo que inconsciente, é essencial. Após isso, é necessário discutir, pesquisar e entender o tema.

É necessário que essa consciência se expanda para todos os trabalhos da casa espírita. Que todos tenham a consciência que quando um cristão se cala, está compactuando com o lado opressor.

É preciso deixar de temer as “polêmicas”, atualizar as opiniões e conceitos, e trocar experiências, dando voz às vivências de cada um, para desconstruirmos o pensamento de que termos e brincadeiras que antigamente eram considerados inofensivos sejam repensados e eliminados, dando espaço a uma sociedade fraterna, empática, justa e saudável.

Camila M. Silva, Gabriel Nogueira da Silva e Murilo Nogueira da Silva são da Mocidade Espírita da Fraternidade Espírita Alvorada Nova/Regional Litoral Sul

Racismo? Reforma íntima esclarece e aponta soluções

Como em tudo, a mudança começa de modo interno para depois se exteriorizar

O processo de Reforma Íntima é o caminho que nos ajuda a lidar com as sombras íntimas que ainda carregamos no coração. O assunto racismo, entre outros temas, volta nestes tempos em que a humanidade extravasa este lado de sombras do íntimo com transparência e sem os freios sociais e de comportamento.

No que tange à Reforma Íntima, compreendo que posições e comportamentos de racismo têm alguma origem não detectada ou não aceita com relação ao medo. Medo de interagir com outro irmão de espécie na Terra com características biológicas análogas e com fenótipos diversos, mas sempre um ser humano.

No final, o medo tem como causa o orgulho. Numa análise primária e totalmente equivocada que por ter um tom de pele diferente, ter nascido em lugar diferente, falar uma língua diferente, ter um fenótipo diferente, ser um gênero diferente ou qualquer outra diferença que se eleja, se elabora uma pretensa superioridade que não existe nas relações materiais honestas e na vida espiritual.

O bom combate a isso se dá pela Reforma Íntima. O constante autoexame do

que passa dentro do nosso íntimo, o reconhecimento sincero que elaboramos “defesas” que ao cabo é o medo de Interagir com o diferente, permite que aceitemos sinceramente que isso ainda habita nosso coração. Em seguida, procura-se saber os motivos pelos quais esse medo ainda habita em nós.

Segue-se, então, rogando aos bons amigos forças e oportunidades para enfrentar a questão, refletir os avanços alcançados ou não superados e se manter sinceramente aberto a prosseguir nestes enfrentamentos. O único caminho possível para nos libertarmos e vislumbrarmos a luz é encarar o lado sombra do nosso íntimo.

O conhecimento espírita de causa e efeito, a reencarnação e a evolução contínua do espírito imortal já nos bastariam para estarmos melhores com relação aos aspectos de sombras íntimas.

A nós que tivemos o benefício de relembramos, quando na condição de encarnados, as métricas do Evangelho e a Reforma Íntima para executar as transformações necessárias, cabem dois movimentos:

1) enfrentar definitivamente as sombras

do íntimo, entre tantas o racismo e suas várias formas de manifestar;

2) abrir mente e coração de modo sincero e autêntico, sem exigências, para acolher aqueles que sofrem (tendo, é claro, toda compreensão das leis de causa e efeito), sendo honesta e respeitosamente fraternos (parece redundância, mas é para reforçar este tipo de disposição íntima), além de exercer compaixão por quem pratica e exterioriza o racismo, pois ninguém está isento do erro (entenda-se que ter compaixão não é ser omissivo ou conivente com o mal, pois se este acontece, a correção é necessária para se manter o equilíbrio e a justiça).

Como em tudo, a mudança começa de modo interno para depois se exteriorizar.

Permaneçamos atentos e dispostos a observar, entender e aceitar! Desta forma, estaremos prontos para transformar o que se passa em nosso coração, e aí, sim, contribuir verdadeiramente com a construção de um mundo plural, diverso e fraterno.

Geraldo José da Costa e Silva é do Grupo Espírita Razin/Regional São Paulo Centro

Autoestima positiva

Companheira de trabalhos mediúnicos, Isabel nos cativou desde os primeiros dias dos vários anos de convívio. Eram conversas antes e pós-trabalho ricas em trocas de vivências enriquecedoras nas quais ela expressava sua harmonia interior e sabedoria na convivência, contando fatos nas relações consigo mesma, com a família e vizinhos.

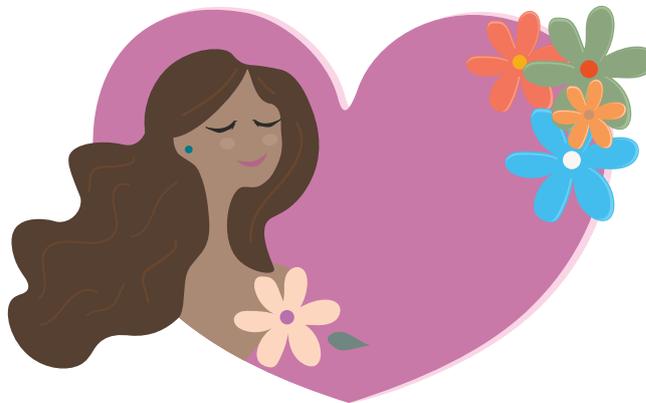
Sempre alegre, fazendo graça das próprias desditas, demonstrava largo poder de aceitação e compreensão de si e da vida. Falava e se expressava com segurança e despertava simpatia entre todos os companheiros da casa espírita, bem como entre vizinhos e conhecidos que vinham muito se aconselhar com ela.

Olhar firme e carinhoso e rosto com constante sorriso, como quem vê graça em tudo, fazia dos encontros com ela uma transfusão de bem-estar. Envoltos em lutas e agruras desde a infância com mãe enferma e irmãos numerosos, desde cedo tornara-se apoio para o pai no asseio e sustento do lar, o que comprometeu seus estudos, mas não tirou dela o desejo de aprender e conhecer sempre mais.

Ela mencionava que o filho e a filha mais nova eram muito inconformados de serem negros, de terem cabelo crespo, de sofrerem bullying, de não se adaptarem na escola e nos namoros. Ao

que ela sempre dizia: se deem respeito e serão respeitados.

Confesso que eu, ainda muito jovem na idade e no entendimento, não captava toda a extensão destas palavras de Isabel: se dê respeito e serás respeitado. Esta era uma lição que ela nos dava pelo exemplo vivo o que, hoje, resumo dizendo que ela era uma pessoa centrada na autoestima positiva.



Vejamos algumas de suas atitudes. Contou-nos que fora ao supermercado fazer compras e lá foi acusada de estar furtando mercadorias. Sua reação foi digna e enérgica abrindo a bolsa em frente ao gerente e funcionários, esclarecendo o equívoco e, o que para a grande maioria de nós seria caso de revolta, protestos e até escândalo, para ela não passou de episódio em que sua honestidade, benevolência e indulgência estavam sendo colocados à prova.

Outro episódio interessante de Isabel é ela ter sido, durante anos, dura e exigente com uma de suas irmãs com desvios de comportamento e, depois, ter descoberto que se tratava de manifestações de uma enfermidade.

Ela admitiu o erro, se posicionou frente a irmã e parentes pedindo perdão e passou a ter uma atitude de apoio em busca da cura, não se precipitou na culpa e na autocondenação, que são corrosivos da nossa autoestima.

Condição econômica, social, cultural, de raça ou cor não a intimidaram ou tolheram naquilo que ela era ou podia ser. Não se gabava ou se humilhava, pois tinha consciência de valor próprio, longe de complexo de superioridade ou de inferioridade.

Neste contexto de se dar respeito e de se dar merecimento, lembro de uma expressão que ela usava bastante e que, entendo, era fundamento para sua autoestima positiva, era: “Eu também sou filha de Deus”, reconhecendo sua parte no contexto da criação e sua relação com o Criador.

Outra expressão era: “Nesta oportunidade ainda não deu, mas meu dia vai chegar, se não for nesta encarnação, em outra por certo”, frase de alguém que se harmonizava com fé na vida, fé na justiça divina e confiança no porvir.

Que nossa companheira nos sirva de inspiração nesta busca de autoestima positiva, alijando de nós as disposições preconceituosas e separatistas para com os outros e para conosco mesmos.

Paulo Avelino é do Centro Espírita Irmão de Assis/Regional Campinas



Etnia e raça são conceitos relativos a âmbitos distintos

Há amplo consenso entre antropólogos e geneticistas de que, do ponto de vista biológico, raças humanas não existem

Em uma rápida pesquisa pela internet, verificamos que etnia refere-se a âmbito cultural; ou seja, grupo étnico é uma comunidade humana definida por afinidades linguísticas, culturais e semelhanças genéticas. Essas comunidades geralmente reclamam para si uma estrutura social, política e territorial.

A raça refere-se ao âmbito biológico, referindo-se aos seres humanos, é um termo que foi usado historicamente para identificar categorias humanas socialmente definidas. As diferenças mais comuns referem-se a cor da pele, tipo de cabelo, conformação facial e cranial, ancestralidade e genética. Portanto, a cor da pele, amplamente usada como característica racial, constitui apenas uma das características que compõem uma raça.

Conforme publicação de 1998 da Associação Antropológica Americana, o genoma humano é composto de 25 mil genes. As diferenças mais aparentes (textura de cabelo, tom da pele, formato do nariz) são determinadas por um grupo insignificante de genes. As diferenças entre um preto africano e um branco nórdico compreendem apenas 0,005% do

genoma humano. Há amplo consenso entre antropólogos e geneticistas de que, do ponto de vista biológico, raças humanas não existem.

Então, tem base técnica a afirmação que só existe uma raça: a humana. Daí se concluir que a existência do racismo só pode ser explicada pela nossa imperfeição moral.

Lutar contra séculos de percepções distorcidas de superioridade de uns para com outros vai depender de sinceros mergulhos internos, para identificar em cada um de nós os diversos gêneros de preconceito, além dos raciais, que comumente manifestamos ou sentimos.

Os tempos atuais têm nos ajudado, colocando em xeque esses comportamentos enraizados através da criação de políticas públicas e ações diversas. Entretanto, ao entendermos que a questão é moral, estas ações podem ganhar um efeito contrário, com maior afastamento e polarização. Isso porque a solução definitiva depende da mudança de atitude, momento em que passamos a enxergar o outro como irmão. É o exercício da fraternidade. O desafio, no entanto, é grande!

Para um pai ensinar a seus filhos como responder

de modo cristão a ofensas racistas na escola, por exemplo, envolve muitos sentimentos e lembranças... A vontade de estar lá e 'defender' seu pequeno, 'exigir' ampliação de ações educacionais na escola, falar com a família do 'terrível ofensor', são ações que não garantem que isso não se repita (na verdade isso se repetirá, com esta ou outras pessoas e contextos).

Isso nos lembra daquela alegoria dos espelhos do carro: ao olhar o retrovisor (um espelho pequeno e limitado), observa-se o que está atrás, vemos um passado onde grupos escravizaram outros, humilhando-os, dizendo a eles que não podiam ou eram capazes. A consequência natural são as revoltas e desejos de vingança, ou conformação, retroalimentando os mesmos atos, de modo invertido.

Em contrapartida, quando se olha pelo para-brisa, vislumbra-se um universo de possibilidades. Deixamos para trás o que passou para abraçar amplas e novas possibilidades e caminhos, agregando-se, é claro, as experiências do passado.

Ricardo Luiz da Costa e Silva é do GE Razin e do CE Mensageiros da Esperança/Regional São Paulo Centro

“Discuta com serenidade; o opositor tem direitos iguais ao seus”

Os estudos da EAE estão me fazendo pensar melhor e a refletir sobre vários assuntos, dentre eles saber falar e expor minha opinião sem que ofenda outras pessoas.

Valquiria Trevisani - 3ª turma
Fraternidade Missionários da Luz
Santo André/SP
Regional ABC

“Toda virtude que se conquista é uma porta nova que se abre para um mundo melhor”

Colocando em prática minhas virtudes pelo aprendizado da minha reforma íntima vou me tornando uma pessoa melhor. Com as provas do dia a dia pretendo caminhar cada vez mais e se houver quedas elas serão sempre um aprendizado.

Lucilene Rodrigues de Lima- 68ª turma
Centro Espírita Mansão da Esperança - CEME - São Paulo/SP
Regional São Paulo Oeste

“Nas lutas habituais, não exija a educação do companheiro, demonstre a sua”

Ainda sinto dificuldade em não exigir a educação do companheiro, principalmente quando aflora sentimentos de raiva e ódio. Sempre procuro demonstrar a minha e compreender que estamos todos em aprendizado.

Eliana Lima Maia - 10ª turma
NEC - Núcleo Espírita Francisco de Assis - Santo André/SP
Regional ABC

“O cristão é chamado a servir em toda parte”

Pensar em servir é pensar em várias ações como o amor e a caridade. Na EAE aprendi que a caridade começa em casa com a família, amigos, conhecidos até pretensos inimigos, orando e

enviando sentimentos de amor a todos.

Eliana Garbin - 14ª turma
GEAE Barão Geraldo
Campinas/SP
Regional Campinas

Dirigente de EAE, envie-nos, digitado e para o e-mail trevo@alianca.org.br, o melhor trecho de algum tema escrito por seus alunos, informando sempre tema, nome completo do aluno, turma, nome da casa e regional.

“Falar pouco e certo é dizer muito com poucas palavras”

Por vezes acabo falando demais. Quando a situação passa, reflito no que disse e acabo me arrependendo. Hoje estou mais vigilante, ficando muitas vezes em silêncio, pois nem tudo pode ser dito.

Alex Aparecido dos Santos - 13ª turma
GEAE - Grupo Espírita Aprendizizes do Evangelho - Limeira/SP
Regional Campinas

“As dores sangram no corpo, mas acendem luzes na alma”

Mais esclarecida com o aprendizado na EAE, tenho momentos que digo para mim mesma: calma,

nada como um dia após o outro, e assim sinto na minha alma uma luz e tenho certeza de que um dia ela brilhará fortemente.

Elfi Hering Coelho - 6ª turma - Casa Espírita Caminho da Luz - Balneário Camboriú/SC - Regional São Paulo Centro

“Caminhar com Cristo é superar a morte, vencer a vida e ingressar desde já na eternidade”

Caminhar com Cristo é não temer o porvir, é estar fortalecido no propósito do bem, do amor ao próximo, da tolerância, da humildade e da simplicidade. O caminho é um só, a plenitude do espírito como ser de luz na eternidade.

Adriana Figueredo - 17ª turma
Centro Espírita Abrigo do Caminho São Paulo/SP
Regional São Paulo Norte

“Discuta com serenidade; o opositor tem direitos iguais aos seus”.

Ninguém é dono da verdade, podendo ou não estar com a razão. Sem serenidade gera discussões e até mesmo violência emocional. Por vezes sinto raiva e angústia acreditando que tenho razão esquecendo que o outro tem seus direitos.

Carolina Aparecida da Cunha - 45ª turma - Casa Espírita Edgard Armond - Santo André/SP- Regional ABC

“Cultivar o silêncio é lutar pela paz interna, vencendo a agitação do mundo”

Como é difícil cultivar o silêncio, já me arrependo muitas vezes por falar. Tenho tentado me manter longe de toda agitação, não é fácil, é um trabalho e esforço diários, sendo que um dia tenho mais êxito do que em outros.

Adriana Castro de Nascimento - 1ª turma
Centro Espírita Lírios de Esperança Barretos/SP - Regional Ribeirão Preto



Convocação para Assembleia Geral Ordinária

Ficam convocados todos os Grupos Integrados da Aliança Espírita Evangélica, assim como os Grupos Inscritos que passarão à condição de Grupos Integrados no presente exercício para a Assembleia Geral Ordinária de Grupos Integrados a se realizar em 21 de março de 2021, **de forma virtual**, às 8h30 em primeira convocação, ou às 9h em segunda convocação, com a seguinte ordem do dia:

1. Relatório de atividades do triênio 2018-2021
2. Aprovação dos balanços da ALDELE e da Aliança
3. Apuração e anúncio do resultado da eleição para o CGI no período de 01/04/2021 à 31/03/2024
4. Composição representantes titulares do CGI (15 regionais, 15 casas conselheiras titulares e 5 membros da diretoria)
5. Aprovação da composição das regionais em 2021
6. Manutenção da Secretaria da Aliança
7. Assuntos de interesse geral

Obs.: (a) Pedimos atenção especial às "Orientações de acesso à AGI virtual" presentes ao final desta convocação; b) os grupos inscritos que passarão a grupo integrado devem ter presença obrigatória nessa AGI.

Eduardo Miyashiro
Diretor-geral da Aliança

Orientações para a AGI virtual

ACESSO E PARTICIPAÇÃO

A AGI é uma assembleia aberta para a participação de todos os grupos da Aliança Espírita Evangélica, sejam eles integrados ou inscritos. Mesmo assim, conforme art. 6º do Estatuto Social da AEE, compete aos grupos integrados a votação na AGI.

Desta forma, para facilitar a condução da AGI bem como a participação de todos, o acesso a reunião irá ocorrer de duas formas:

Apenas 1 (um) representante de cada Grupo Integrado

www.alianca.org.br/integrado-agi-2021

Demais participantes (grupos integrados ou inscritos)

www.alianca.org.br/agi-2021

VOTAÇÃO E CONFIRMAÇÃO DE PRESENÇA

Apenas os representantes de cada grupo integrado poderão votar nos assuntos apresentados na AGI (participantes do primeiro link acima).

Para estes assuntos que requerem votação, após a sua apresentação pela direção da assembleia, será aberto um "tempo-padrão" (2 minutos) no qual os representantes poderão manifestar seus respectivos votos.

Para confirmação da presença e da classificação como grupo integrado será considerada a presença dos representantes no primeiro canal acima (www.alianca.org.br/integrado-cgi-2021), no início e no final da Assembleia.

DÚVIDAS E ESCLARECIMENTOS

A Secretaria da Aliança, através de seus canais de comunicação, coloca-se à disposição para esclarecer dúvidas bem como ajudar e colaborar com todos os grupos para que possam participar desta AGI.

E-mail: alianca@alianca.org.br | Telefone: (11) 3105-5894 (WhatsApp)



Em 21 de dezembro de 2020, Azamar Trindade completaria 100 anos. Desencarnado em abril de 2020, foi voluntário de O Trevo por décadas. Ele nos lembrava da missão cósmica da Doutrina e que a espiritualidade conta sempre com os trabalhadores mais disponíveis, não os melhores. Um abraço à família, na pessoa de sua filha Leila e ao querido Azamar.

NOSSA EDITORA É A RESPONSÁVEL PELA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO AUTORAL NECESSÁRIO AOS PROGRAMAS DA ALIANÇA.

Os alunos da Escola de Aprendizes do Evangelho, do Curso de Médiuns e os evangelizadores infanto-juvenis precisam dos títulos publicados pela Editora Aliança para poderem desenvolver seus cursos e atividades.

Como ter acesso a estas obras?

Adquirindo-as na livraria do seu Centro Espírita.
Ou fazendo sua encomenda em
www.aliancalivraria.com.br

Novidade: iniciamos a veiculação dos livros da Escola de Aprendizes do Evangelho pela Internet, em formato e-book (Amazon Kindle)

A Editora Aliança existe para preservar as fontes do conteúdo espiritual de nossos programas, e conta com sua colaboração para que este rico conteúdo esteja disponível para todos os alunos e voluntários.

ESCOLA DE APRENDIZES DO EVANGELHO



EVANGELIZAÇÃO INFANTIL



CURSO DE MÉDIUNS



Rua Major Diogo, 511 - Bela Vista
tel: 2105-2600



www.aliancalivraria.com.br